

# OS TONS VALORATIVOS NO GÊNERO COMENTÁRIO *ONLINE* SOBRE A (DES)CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE DEUS

Pedro Farias Francelino<sup>1</sup>  
Alixandra Guedes Rodrigues de Medeiros e Oliveira<sup>2</sup>

**Resumo:** Este trabalho objetiva refletir sobre a (des)construção da identidade do personagem Deus, partindo da valoração que fomenta a produção do gênero comentário *online* que tem por motivação uma tira em quadrinhos da página “Um sábado qualquer”, produzida pelo designer e ilustrador Carlos Ruas. Investimos, assim, os mecanismos linguísticos utilizados pelos internautas na construção de seus enunciados, com vistas ao tom valorativo e à entonação expressiva que fazem referência à identidade do personagem principal da tira. Embasamo-nos nas contribuições da Análise Dialógica do Discurso, representada pelo Círculo de Bakhtin (2010, 2011, 2013), bem como nas contribuições sobre identidade e tom valorativo (SOBRAL, 2009; FIORIN, 2016; BRAIT, 2010; DURAN, 2014). Quanto à metodologia, por ser o gênero comentário *on-line* semelhante à conversação real (KOZINETS, 2014), selecionamos comentários que apresentaram em suas réplicas posturas divergentes, dados esses analisados a partir de uma abordagem qualitativa e interpretativa. O tom valorativo predominante na análise, materializado por meio da entonação expressiva, aponta para a (des)construção da identidade historicamente estabelecida para o personagem, além de revelar o reforço de uma identidade mais humanizada para o protagonista da tira.

**Palavras-chave:** Comentário *on-line*. Valoração. Identidade.

**Abstract:** This work aims to reflect over the (dis)construction of the God character identity, starting from the valuation that foment the on-line commentary genre production that has as motivation a "One Saturday any" comic strip, produced by the designer and illustrator Carlos Ruas. We thus invest in the linguistic mechanisms used by Internet users in constructing their statements, with a view to the value tone and expressive intonation referring to the main character of the strip identity. We based in the Dialogical Analysis of the Discourse contributions, represented by Bakhtin's Circle (2010, 2011, 2013), as well as in the contributions on identity and valuation tone (SOBRAL, 2009; FIORIN, 2016; BRAIT, 2010; . For the methodology, because the on-line commentary genre is similar to the actual conversation (KOZINETS, 2014), we selected comments that presented in their replicates divergent positions, this data analyzed from the qualitative and interpretative approach. The valorative tone predominant in the analysis, materialized by the expressive intonation, points to the character histrionically established (dis)construction identity, further revealing the strip protagonist more humanized identity reinforcement.

**Keywords:** Online comment. Valuation. Identity.

## Introdução

---

<sup>1</sup> Doutorado em Linguística (UFPE). Universidade Federal da Paraíba (UFPB). pedrofrancelino@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Doutoranda em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (PROLING/UFPB). Bolsita da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), proc. 88882.182506/2018-01. alixandragm@gmail.com

O campo das religiões, no decorrer da história da humanidade, tem servido de objeto de estudos em diversas áreas, como a filosofia, a teologia, a sociologia, a antropologia, e naturalmente, a linguística. Todas essas correntes têm apresentado contribuições relevantes para a construção de um novo paradigma sobre as produções na esfera do discurso religioso. Por compreender de um domínio fecundo, no qual são constantes a produção e circulação de discursos acerca das figuras representativas das diversas vertentes religiosas existentes, acaba por tornar-se uma arena de conflitos ideológicos entre os cristãos, de variados segmentos, e os não-cristãos ou ainda não-religiosos.

Envolvidas nesse processo interativo, as relações dialógicas determinam e evidenciam os diversos tons emotivo-volitivos presentes nas enunciações, dado que o sujeito, em suas práticas sociais de linguagem, manifesta aceitação e contradições em sua relação com os outros e com o mundo. Perante esse jogo de dizeres, nosso objetivo é refletir sobre a (des)construção da identidade do personagem Deus, oriunda da valoração que subjaz à produção do gênero comentário *online*.

Sob o viés discursivo, nosso trabalho empreende uma análise dialógico-discursiva dos mecanismos linguístico-enunciativos utilizados pelos internautas na construção de seus enunciados. Nosso olhar volta-se para os tons emotivo-volitivos e para a entonação expressiva que fazem referência à identidade do personagem principal de uma das tiras em quadrinhos produzida pelo designer e ilustrador Carlos Ruas, publicada na página de Facebook “*Um Sábado Qualquer*”, no dia 19 de setembro de 2017, que tem como mote a reação do personagem Deus ao descobrir que é uma criação humana.

Por ser o gênero comentário *online* semelhante à conversação real (KOZINETS, 2014) e, por isso, gerar muitas réplicas, o percurso metodológico exige um recorte. Assim, optamos por selecionar dentre os comentários realizados sobre a tira em quadrinhos aquele que apresentasse diversas réplicas, no anseio de encontrarmos opiniões divergentes. Desse modo, selecionamos o quarto comentário, realizado pelo sujeito DP e parte das réplicas produzidas, tendo em vista a impossibilidade de analisar a totalidade devido à extensão do artigo.

A hipótese levantada é a de que os enunciados produzidos evidenciam o tom valorativo dos sujeitos, materializado por meio da entonação expressiva, como instrumento de constituição da identidade proposta pelo autor da tira para o personagem Deus, bem como o reforço valorativo da identidade estabelecida sócio-historicamente para o protagonista da tira. Além desta introdução e dos comentários finais, nosso trabalho apresenta outros quatro tópicos, quais sejam: algumas considerações das noções de valoração, de entonação

expressiva e de identidade, conceitos discutidos nas obras de Bakhtin e o Círculo; em seguida, apresentamos a análise do comentário e de suas réplicas.

### **Valoração e entonação expressiva: lentes para a leitura dos enunciados**

Para Bakhtin, (2011), o enunciado apresenta como partes constituintes um *projeto enunciativo* (a intenção do dizer), um *autor* (o sujeito) e uma *prática* (a realização por parte do sujeito de sua própria intenção). Frente a sua condição ativamente responsiva, toda compreensão anseia por resposta e é essa condição que instaura cada enunciado como um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados, evidenciando os pontos de vista, os valores e tons concernentes a cada sujeito enunciadador.

Nessa mesma obra, Bakhtin (2011) faz uma explanação sobre o vivenciamento ativo do eu que sintetiza a concepção de valoração. Ao ter uma vivência de sua lembrança axiologicamente ativa, por parte de seus sentidos antedados e do objeto, o sujeito renova em si o antedado de cada vivência, reunindo a si mesmo por completo não no passado, mas no futuro vindouro (BAKHTIN, 2011, p. 114-115). Entendemos, portanto, que para o autor, o conceito de valoração é explicado a partir da noção mesma de dialogismo, já que o vivenciamento ativo do eu é sempre uma atividade axiológica, de maneira que valorar significa impregnar a intenção verbal com os próprios sentidos.

Assim, o vivenciamento torna-se *lembrança* axiológica quando faz referência ao caráter dialógico da linguagem. Essas lembranças podem ser assimiladas por meio da entonação, do estilo e do gênero escolhido para compor o ato enunciativo. Nos termos do autor, “a relação valorativa do falante com o objeto (seja qual for esse objeto) também determina a escolha dos recursos lexicais, gramaticais e composicionais do enunciado” (BAKHTIN, 2011, p. 289).

Destacamos, desse pressuposto, duas assertivas: 1. a lembrança é uma forma de axiologia, sendo necessário reconhecer que as valorações são vinculadas no tempo e no espaço, ou seja, na cronotopia; e 2. a axiologia é ideológica, de modo que as valorações apresentam filiação ideológica historicamente situada e editada pelos fatos sociais, de forma que o processo de valoração traz em si os rastros das instituições que determinam as possibilidades de produção dos enunciados (FARACO, 2009, p. 48).

Por conseguinte, o enunciado é uma unidade de interação, com objetivo específico, materializado segundo uma necessidade situacional e que atinge significação apenas na vida real. É, pois, a partir da junção entre o projeto enunciativo e o gênero escolhido que se dá a

enunciação, evidenciando a entonação expressiva que revela a individualidade do falante. Ressaltamos que a entonação expressiva concebida pela perspectiva dialógica do discurso diferencia-se daquela postulada pelo senso comum ou por abordagens estilísticas formais, que a entendem como sendo os aspectos vocais-fônicos (altura, inflexão, modulação etc.) da linguagem. De acordo com este arcabouço teórico, por meio da entonação expressiva é possível atribuir sentido aos enunciados, já que ela não figura vazia de sentido ou (apenas) elemento de adorno, mas um recurso fundamental para o processo de compreensão/interação pelo interlocutor.

A entonação expressiva corresponde, deste modo, à “relação subjetiva emocionalmente valorativa do falante com o conteúdo do objeto e do sentido do enunciado” (BAKHTIN, 2011, p. 289), ou seja, a entonação expressiva para o autor afasta-se das concepções que entendem o sentido de maneira apriorística, anterior à relação entre os sujeitos. “A entonação expressiva é um traço constitutivo do enunciado. No sistema da língua, isto é, fora do enunciado, ela não existe” (BAKHTIN, 2011, p. 290). Dito em outras palavras, não há enunciados neutros, pois a neutralidade da língua só existe enquanto virtualidade.

Isto posto, compreendemos que a partir do instante em que tomamos a palavra estamos utilizamo-la sócio-historicamente, atribuindo significados ao tema, e ao nosso interlocutor, por intermédio expressão de nossas visões de mundo, uma vez que as palavras “em si mesmas nada valorizam, mas abastecem qualquer falante e os juízos de valor mais diversos e diametralmente opostos dos falantes” (BAKHTIN, 2011, p. 290). Assim, a partir das nossas escolhas e da entonação empregada no ato enunciativo, estamos refratando as ideologias veiculadas no curso interativo da vida, no qual todo enunciado é repleto de tons valorativos.

### **Concepção de Identidade: (des)construção de sentido**

A linguagem possui natureza social e não apenas individual, como postulado pelos estudos linguísticos em determinadas épocas de seu desenvolvimento. Em vista desse aspecto, Bakhtin (2011) situa a sua realidade material, a língua, bem como os sujeitos que a utilizam, num dado contexto sócio-histórico, de forma que este autor toma a linguagem enquanto prática social, concebendo-a como incompleta, no sentido de que os ditos e os não-ditos se fazem presentes na linguagem, abrindo possibilidades de significação. Dentre esse *continuum* infinito de possibilidades do dizer, nasce o espaço para a subjetividade na linguagem e com ela a possibilidade da construção identitária.

Pensar a identidade é sempre pensar um espaço de batalhas. Nos termos de Bauman (2005, p. 83), “sempre que se ouvir essa palavra, pode-se estar certo de que está havendo uma batalha. O campo de batalha é o lar natural da identidade”, de maneira que a concepção do eu é, em muitos casos, uma imposição ao(s) outro(s) frente às diversas interações ocorridas nas distintas esferas discursivas existentes na sociedade. Assim, “a identidade é uma luta simultânea contra a dissolução e a fragmentação, uma intenção de devorar e ao mesmo tempo uma recusa resolvida a ser devorado...” (BAUMAN, 2005, p. 84).

Neste campo de combate constitutivo, Hall (2006) considera que a identidade não se encontra centrada no ser, mas fora dele, indissociável da situação discursiva que o constitui. Refletir sobre a identidade como algo exterior ao sujeito aproxima o pensamento de Hall do conceito de alteridade proposto pelos estudos dialógicos, segundo os quais é por meio da relação alteritária que as identidades se constituem, visto que estas não resultam da consciência individual, e sim da relação inerente com o “outro”, de forma que com esse “outro” o “eu” não é obrigado a concordar. Sendo diferente do “eu”, o “outro” o provoca, desloca-o de sua zona de conforto, o faz buscar outras possibilidades, resultando na definição do “eu”.

Moura e Miotello (2014, p. 191-192) elucidam que “a constituição do Eu sempre é uma concessão do outro. [...] Vou me constituindo nos limites entre o eu e o outro, vou existindo pelas ofertas do outro”. De modo que nessa interação dialógica, a identidade evidencia-se como uma atividade coletiva que tem como ponto de partida o “outro”. Contudo, inserido nesse movimento, o “eu” sempre volta a si mesmo, pois todo sujeito é regido por dois sistemas: o ideológico, social, e o da unicidade, o psiquismo; é, portanto, quando o “eu” fecha-se em si mesmo, impondo limites, definindo e concluindo sua constituição que se completa enquanto “eu”.

Ressaltamos, ainda, que a constituição da subjetividade subjacente aos pressupostos bakhtinianos é perceptível por meio dos enunciados produzidos pelos sujeitos, que são, ao mesmo tempo, perpassados pelos enunciados dos outros e possuem nuances valorativas, tanto do “eu” como do(s) “outro(s)”. Quando elaboramos o nosso dizer, tomamos os tons emotivo-volitivos dos outros e os ressignificamos em função de nossos índices de valor. Em outras palavras, construímos nossa identidade à medida que interagimos, discutimos e dialogamos com os dizeres e os outros com os quais deparamos, bem como quando refletimos e refratamos esses dizeres.

Nessa perspectiva, a identidade dos sujeitos é construída tendo como ponto de partida as relações de alteridade que se estabelecem nas diversas relações dialógicas instauradas nas

variadas esferas discursivas, sendo, portanto, inviável pensar o sujeito destituído de seus vínculos com o “outro”. A identidade concebe-se, dessa forma, como algo movediço, instável, circunstancial, pois a interação social na vida vivida exige o agenciamento de diversas subjetividades, exige que o sujeito ocupe lugares sociais para enunciar sua singularidade.

### **O gênero comentário *online*: um novo espaço para enunciações**

Concebemos, junto a Bakhtin (2011, p. 265), que “a língua passa a integrar a vida através dos enunciados concretos (que a realizam); é igualmente através de enunciados concretos que a vida entra na língua”. Por meio da vivência da vida na língua e no confronto com as diversas posições axiológicas dá-se a diversidade e a riqueza dos gêneros discursivos, já que são abundantes as possibilidades de geração de formas na atividade humana, pois cada campo discursivo origina e diferencia uma gama de gêneros de acordo com a necessidade e a complexidade das atividades dos sujeitos.

Frente à multiformalidade do uso da língua, somada ao advento da *internet*, o gênero comentário *online* nasce na sociedade como uma espécie de releitura do gênero comentário, surgido na esfera jornalística na década de 1960 (MELO, 2003). Por ser um gênero pertencente ao ambiente virtual, sua linguagem é espontânea e individual, pode apresentar gírias, perguntas, interpelações, expressões valorativas/depreciativas, *emoticons* etc. Manifesta como uma de suas características principais a liberdade de expressão, a qual revela a espontaneidade da escrita e a subjetividade do internauta, demarcando a alteridade enunciativa, já que coloca o internauta diante de várias vozes que dialogam sobre um mesmo assunto.

Desvelam-se em sua estrutura composicional alguns aspectos como o levantamento de reflexões sobre fatos da atualidade, em especial aqueles divulgados na mídia televisiva; ser um texto curto; nem sempre ocorrer a identificação do comentarista; simular um diálogo face a face, por apresentar-se como uma conversa espontânea; e possuir vida efêmera, pois o comentarista opina sobre fato que está em curso na história social (ARAÚJO, 2017). Dessa maneira, o gênero comentário *online* veicula em si um reflexo da individualidade do falante por apresentar como traço fortemente marcado o estilo de cada um dos internautas e por encerrar em sua composição as mudanças históricas dos estilos de linguagem ocorridas nas últimas décadas e que são inseparáveis dos gêneros do discurso.

Nesse proceder dialógico, os comentários *online* encontrados na página de *Facebook* “Um Sábado Qualquer” mostram-se como gênero discursivo que reflete os acontecimentos de variados campos discursivos da sociedade – em especial, o discurso religioso – e que

conduzem o sujeito-leitor-internauta a atitudes valorativo-responsivas sobre o conteúdo materializado no gênero tira em quadrinhos, seu motivador. Salientamos que mesmo o sujeito-comentarista sendo anônimo, o teor argumentativo permeia a materialização discursiva, já que o sujeito assume seu ponto de vista face ao outro, enunciando seus tons valorativos, responsabilizando-se inteiramente por seu posicionamento, uma vez que este fica arquivado na rede social e é replicado por outros sujeitos-internautas.

Por existir no ambiente virtual, o gênero comentário *online* é de fácil acesso e sua materialidade está fixada na rede social, não podendo ser alterada. De acordo com Kozinets (2014), o gênero comentário *online* compõe um vasto acervo para pesquisas acadêmicas, visto que não requer autorização, por ser de domínio público, além de poder ser acessado em qualquer lugar e em qualquer tempo.

### **A identidade do personagem Deus valorada no gênero comentário *online***

O Brasil é um país com forte tradição religiosa, como a maioria dos países da América Latina, no qual traços da religiosidade são absorvidos enquanto elementos culturais, de maneira que se torna relevante investigar de que modo se estabelecem as relações dialógicas ao redor de sua figura mais marcadamente representativa, Deus, bem como investigar de que forma estas relações ocorrem na esfera virtual, espaço no qual “tudo é permitido”, figurando como veículo para publicação das vozes ateístas.

Esclarecemos que abordamos Deus enquanto um personagem literário, da obra literária Bíblia, tomando como parâmetro o estudo realizado por Miles (1997). Não é nossa pretensão discorrer sobre Deus enquanto objeto de crença religiosa, enquanto realidade extraliterária. Interessa-nos, contudo, sua condição de figura representativa de uma crença religiosa, que obteve e mantém um elevado índice de aceitação/identificação por parte dos leitores da Bíblia, seguidores das religiões cristãs, pois esta condição figura como primordial tanto para a construção das tiras como para a geração dos comentários *online* na página de Facebook por nós selecionada.

Para tanto, dedicamos nossa atenção sobre as produções dialógicas que ocorrem na página de *Facebook* “Um Sábado Qualquer”, de autoria do designer carioca Carlos Ruas, que busca de maneira irreverente e bem humorada tratar de um dos assuntos mais polêmicos do mundo: a religião. A personagem das tiras em análise é Deus, sua primeira personagem autoral, criada em 2009, e que se caracteriza como uma espécie de paródia de Deus, símbolo maior da fé cristã. Segundo o autor, a personagem é inspirada no humano, apresentando

características como o ciúme, a inveja, a preguiça e o consumismo.

O universo que fomenta as tiras motivadoras dos comentários *online* são as criações de Deus: Adão, representante do homem atual e que vive em tormenta, há 900 anos, tanto pelos conflitos existentes em seu casamento com Eva quanto por ter que resistir às tentações de Lilith; Caim, filho de Adão e Eva, que apresenta características psicopatas desde a infância; Lucicraldo, ou Luci, responsável pelo mundo inferior, vive insatisfeito por isso e se sente injustiçado por ser usado como justificativa para as maldades dos homens na Terra, além disso, por ser ingênuo, é constantemente vítima das brincadeiras de Deus e de Adão; Jesus Cristo, filho de Deus, tem comportamento pacífico e prefere jogar *videogame* a enfrentar as batalhas do mundo, postura que causa significativa tristeza em seu pai; e os humanos que estão sempre pedindo algo ou fazendo queixas a Deus.

A tira que motivou os comentários *on-line*, foco desta análise, foi postada na página de *Facebook* no dia 19 de setembro de 2017. A materialidade visual da tira é composta por um título que é homônimo à página da rede social – *Um Sábado Qualquer* –, escrito na cor laranja, em fonte arredondada. A seguir, temos um traço horizontal que une o nome da tira/página ao seu produtor “Carlos Ruas”, que está escrito numa fonte que remete à assinatura do próprio autor. Abaixo, encontramos quatro quadros, dispostos dois a dois, de maneira a formar a figura de um quadrante.

Nos quadros 01, 02 e 04 encontramos o personagem principal das tiras – Deus – retratado como um idoso de aproximadamente oitenta anos de idade, calvo, com cabelos e barba brancos, vestindo com uma túnica em tom amarelado, semelhante à cor ocre. Os quadros 01 e 02, que compõem a parte superior do quadrante, apresentam as mesmas características: fundo branco, sem delimitação de chão ou céu. No quadro 01, vemos o personagem numa atitude semelhante ao ato de caminhar, quando algo em sua vestimenta chama a sua atenção e ele olha para baixo. Na sequência, no quadro 02, o personagem parece parar de caminhar e toma nas mãos a barra de sua túnica para observar mais detidamente o que havia lhe tomado a atenção.

O segundo quadrante da tira, formado pelos quadros 03 e 04 distinguem-se dos dois quadros do primeiro quadrante. O quadro 03 é composto quase que em sua totalidade pela borda da túnica de Deus, na qual lemos “*Made By Carlos Ruas*”<sup>3</sup>. É possível ver os dois polegares do personagem, nos cantos direito e esquerdo do quadro, segurando e esticando a

---

<sup>3</sup> Fonte:  
<https://www.facebook.com/umsabadoqualqueroficial/photos/a.246364075380811/1856731314344071/?type=3&theater>. Publicado: 19/09/2017. Acesso: 27/02/2018.



própria roupa. Finalizando a tira, o quadro 04 rompe com a sequência de cores, pois apresenta o fundo na cor preto e centralizado o rosto do personagem, com uma expressão de surpresa, tendo os olhos arregalados, a testa franzida e os lábios contritos.

O gênero tira em quadrinhos possui materialidade verbo-visual, na qual os elementos colaboram para a construção dos sentidos (PUZZO, 2014, p. 174); a constituição imagética e a escolha das cores são veículos na expressão dos tons valorativos acerca do conteúdo temático: nos três primeiros quadros, Deus aparece em um fundo branco, voltado para a direita, dando a impressão de caminhar pelo céu e algo chama sua atenção. A cor branca, por convenção, representa iconicamente a paz, a pureza e a limpeza (MENEZES e PEREIRA, 2017, p. 327), conduzindo o leitor a realizar uma leitura de harmonia e estabilidade para o cotidiano do personagem.

No último quadro tem-se uma quebra da expectativa com a mudança da cor do cenário e do enquadramento do sujeito. O fundo é alterado para a cor preto, que está iconicamente associada ao luto, à morte, bem como à suntuosidade e à elegância; o *close*, por sua vez, centra-se na face de Deus. Essas mudanças aproximam o leitor do personagem ao revelar sua expressão de desalento por descobrir sua origem. A cor preta adiciona à tira um valor axiológico de perda, fazendo emergir a dúvida de Deus com relação a sua identidade.

Este enunciado encontra ressonância nos discursos comercial e financeiro que fomentam o consumo/uso de marcas e grifes, de forma que “o enunciado nunca é apenas um reflexo, uma expressão de algo já existente fora dele, dado e acabado. Ele sempre cria algo que não existia antes dele, absolutamente novo e singular [...]” (VOLOCHÍNOV, 2017, p. 95).

A identidade da personagem Deus é posta à prova quando ele se percebe na condição de criado e de Criador, de maneira que ele passa à consciência de que sua constituição “é sempre uma concessão do outro”, em um jogo no qual a identidade constitui-se nos “limites entre eu e o outro”, a existência dá-se “nas ofertas do outro” (MOURA; MIOTELLO, 2014, p.191-192). Nesse jogo interacionista, a identidade figura como uma atividade coletiva, formada na junção dos diversos dizeres e práticas sociais, embora sempre retorne a si mesmo, à singularidade do indivíduo, pois todo sujeito é regido tanto pela ideologia social quanto pelo psiquismo.

Para além da interação dialógica citada, percebemos a intencionalidade e valoração do autor ao colocar o traje do personagem da tira como não sendo criado por ele próprio e sim por um ser humano, o que nos conduz ao último quadro, em que aparece a face de Deus com uma expressão estupefata. Aqui, encontramos um Deus humanizado que se abala em saber

que existem criaturas que são de fato criadoras e sua identidade de superioridade e onipotência é questionada. Mediante o enunciado *Made By Carlos Ruas*, observamos, também, a presença da língua estrangeira inglesa para enunciar o processo de produção e circulação de produtos importados; tal escolha mostra que “A realidade ideológica é uma superestrutura colocada diretamente sobre a base econômica” (VOLOCHÍNOV, 2017, p. 98), neste caso, a globalização, que fez surgir novos paradigmas de consumo e de padrão de qualidade.

A tira propiciou 290 comentários e mais de 12 mil curtidas. Por organização metodológica, optamos por fazer um recorte dentre os comentários que apresentassem mais de cinco réplicas, nas quais houvesse uma maior tensão de opiniões entre os internautas. Desse modo, selecionamos o quarto comentário postado na página “Um Sábado Qualquer”, realizado pelo sujeito **DP**<sup>4</sup> e as réplicas tecidas ao comentário. Por terem sido produzidas 25 réplicas, escolhemos uma sequência na qual há um embate entre os sujeitos-internautas. Dividimos os turnos dialógicos em cinco figuras com o objetivo de facilitar a leitura e a análise dos enunciados. Inicialmente, vejamos o comentário realizado por **DP** e, em seguida, passemos às leituras das réplicas:

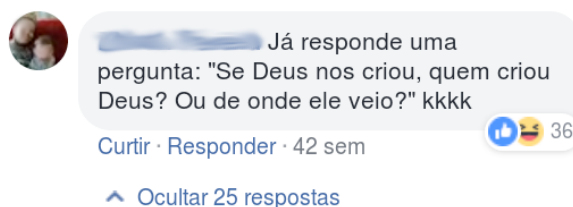


Figura 1

Fonte: <https://www.facebook.com/umsabadoqualqueroficial>. Publicado: 19/09/2017. Acesso: 27/02/2018

O comentário *online* produzido pelo sujeito **DP** encontra apoio coral nas práticas discursivas que remetem aos questionamentos abordados ao longo da história da humanidade sobre a existência humana e suas razões, reflexões normalmente feitas na esfera discursiva da Filosofia. A materialidade discursiva do sujeito-leitor<sup>5</sup> – “*Já responde uma pergunta*” – veicula seu tom valorativo de questionamento sobre a onipotência de Deus, apregoada e reforçada pelo discurso judaico-cristão.

O enunciado produzido por **DP** também traz à baila a reflexão sobre a criação e origem de Deus – “*Se Deus nos criou, quem criou Deus? Ou de onde ele veio? kkk*” – por

<sup>4</sup> DP é do sexo masculino, professor de Química, formado pela UNIFEV – Centro Universitário de Votuporanga. Mora em Votuporanga, SP.

<sup>5</sup> Estamos utilizando neste estudo os termos *sujeito-leitor*, *sujeito-internauta*; *participante*; *internauta* e *usuário* como sendo sinônimos (KOZINETS, 2014).

meio da inversão de papéis veiculada na tira, sugerida na fala de **DP**, temos a impressão de que o personagem Deus passa a vivenciar as dúvidas que povoam a existência humana. É nesta relação do enunciado concreto, não neutro, expressivo da posição do falante, que nos apercebemos da avaliação sócio-histórica que perpassa o enunciado e deixa revelar que “toda palavra é um pequeno palco em que as ênfases sociais multidirecionadas se confrontam e entram em embate” (VOLOCHÍNOV, 2017, p. 140).

Os comentários online produzidos a partir da enunciação de DP configuram-se como enunciados concretos responsivos, pois “Todo enunciado [...] tem [...] antes de seu início, os enunciados de outros; depois de seu término, os enunciados responsivos” (BAKHTIN, 2011, p. 275), como é possível perceber nas réplicas a seguir<sup>6</sup>.

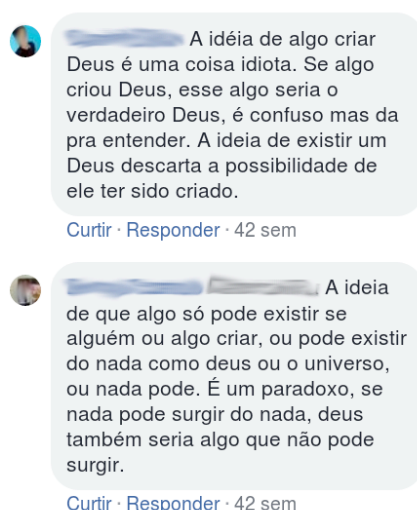


Figura 2

Fonte: <https://www.facebook.com/umsabadoqualqueroficial>. Publicado: 19/09/2017. Acesso: 27/02/2018

<sup>6</sup>

A leitura das réplicas dá-se na vertical, da esquerda para direita.

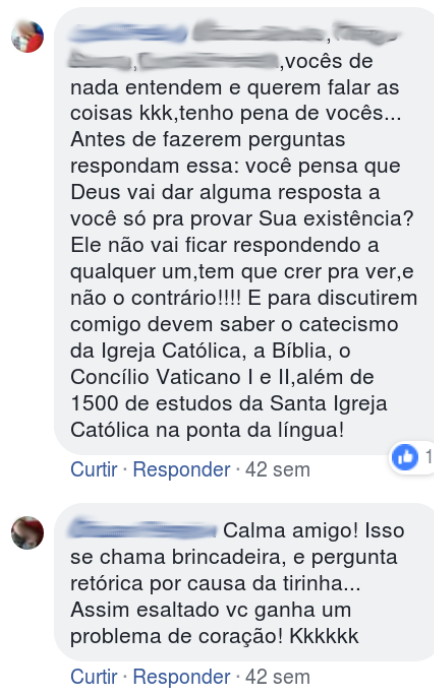


Figura 3

Fonte: <https://www.facebook.com/umsabadoqualqueroficial>. Publicado: 19/09/2017. Acesso: 27/02/2018

As réplicas dos internautas interagem diretamente com o comentário do sujeito **DP** e produzem desdobramentos. É possível observar na primeira réplica que o internauta busca refutar o comentário por meio de uma crítica agressiva ao sujeito enunciador, ao referir-se ao seu comentário como algo idiota – “*A ideia de algo criar Deus é uma coisa idiota*” – deixando transparecer seu tom axiológico sobre aqueles que se afastam do que está postulado pelas religiões cristãs. Seu posicionamento evidencia, ainda, seu lugar de sujeito que crê, no qual pensar Deus como algo criado é retirar deste objeto de crença e fé sua característica de princípio e fim, anunciada no livro do Apocalipse 21: 6: “Eu sou o Alfa e o Ômega, o princípio e o fim. A quem quer que tiver sede, de graça lhe darei da fonte da água da vida”.

Nos seus termos, e entendimento sobre essa condição de Deus “*é confuso, mas dá para entender*”, o que reforça através da escolha lexical, ao utilizar o elemento de coesão “mas”, que mesmo um pensamento “*idiota*” pode compreender o lugar de Deus, sua condição de único motivo da vida, conforme afirma quando enuncia que “*a ideia de existir um Deus descarta a possibilidade dele ter sido criado*”. Assim, o sujeito conclui sua réplica fortalecendo sua posição por meio de um período afirmativo, no qual a entonação expressiva colabora para a construção de seu tom valorativo sobre a impossibilidade de Deus ser criado, pois ele é, segundo o internauta, o único Criador.

Na segunda réplica deparamos com um tom valorativo que confronta os pontos de vista defendidos anteriormente e corrobora o comentário formulado por **DP**. Para o sujeito-internauta, a ideia de que Deus não tem um criador configura um paradoxo, já que “*se nada*

*pode surgir do nada, deus também seria algo que não pode surgir*”, o que revela em seu enunciado o apoio coral do discurso científico evolucionista, no qual todas as coisas existentes são evoluções de organismos primitivos através dos milênios.

Destacamos, também, a valoração por parte do sujeito na forma como materializa o nome de Deus, visto que a grafia de um substantivo próprio em letra minúscula sugere retirar-lhe o caráter de unicidade do ser nomeado. Esta característica deixa transparecer a entonação expressiva de que Deus não é um deus, ao passo que recupera o entendimento de que “o enunciado tem uma relação *imediate* com a realidade e com a pessoa viva falante (sujeito)” (BAKHTIN, 2016, p. 98. Grifo do autor), de modo que o participante, produtor da segunda réplica, comunga do discurso cético que se faz presente na sociedade atual.

A terceira réplica apresenta uma entonação expressiva de ironia e desprezo, tanto pelo comentário de **DP** quanto pela segunda réplica, evidenciada por meio da expressão “*tenho pena de vocês...*” e pelo uso do sinal de exclamação em “[...] *tem que crer para ver, e não ao contrário!!!!*”. O sujeito-leitor comprova o seu tom emotivo-volitivo de recusa às posturas evidenciadas anteriormente ao questionar os outros interlocutores: “*você pensa que Deus vai dar alguma resposta a você só pra provar a Sua existência*”, como forma de atestar que Deus não se iguala aos seres humanos e que constitui um erro/pecado fazer esse tipo de questionamento.

O sujeito-internauta reporta-se a uma lista de documentos/obras da Igreja católica Apostólica Romana que expressam a profissão da fé cristã como forma de fundamentar seu dizer: “*E para discutirem comigo devem saber o Catecismo da Igreja Católica, a Bíblia, o Concílio Vaticano I e II, além de 1500 anos da Santa Igreja Católica na ponta da língua!*”. Sua entonação expressiva, apontada pelo uso do sinal de exclamação, valida seu posicionamento de que os pensamentos consolidados pela sociedade corroboram para a não discussão acerca da figura do Deus bíblico. Dessa forma, é possível compreender que a construção do tom valorativo não é uma mera reação emotiva, mas “um movimento da consciência responsabilmente consciente, que transforma uma possibilidade na realidade de um ato realizado, de um ato de pensamento, de sentimento, de desejo, etc.” (BAKHTIN, 2010, p. 91).

Ao final da figura 3, deparamo-nos com a resposta de **DP** à réplica anterior. É possível perceber certa ironia por parte do internauta ao pedir que seu interlocutor tenha calma – “*Calma amigo!*” –, bem como a presença de um tom de sarcasmo ao explicar que se trata de uma brincadeira – “*...isso de chama brincadeira, e uma pergunta retórica por causa da tirinha...*”. Ao chamar a atenção de seu interlocutor para o fato de se tratar de uma “*pergunta*

*retórica*”, o sujeito-leitor rememora práticas discursivas que remetem à Filosofia, na qual alguns questionamentos são realizados visando a reflexão de uma dada situação ou conceito e não a busca de uma resposta. Aqui ratificamos o pensamento bakhtiniano de que “toda compreensão é preche de resposta, e nessa ou naquela forma [mais ou menos ativa] a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante” (BAKHTIN, 2016, p.25. Comentário nosso).

A presença do tom de escárnio na entonação expressiva de **DP** firma-se ao final de seu enunciado, como podemos ler: “*Assim esaltado vc ganha um problema de coração! Kkkkkk*”, visto que o sujeito assume para o seu colocutor o seu posicionamento frente a postura inflamada do mesmo. A presença do sinal de exclamação e da representação da risada – “*kkkkkk*” – veiculam o tom emotivo-volitivo presente não no comentário isolado e sim na sua correlação entre o eu-sujeito com o evento singular do existir, que engloba os demais interlocutores (BAKHTIN, 2010, p. 90).

Passemos à leitura dialógica das demais réplicas:

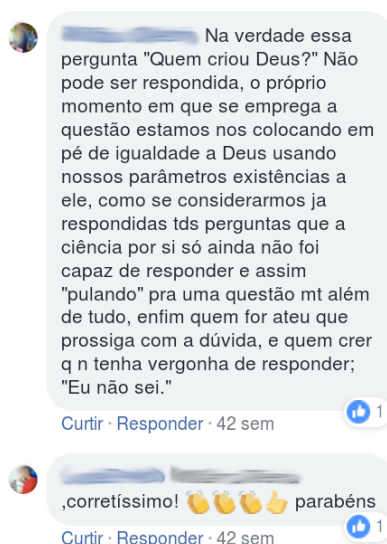
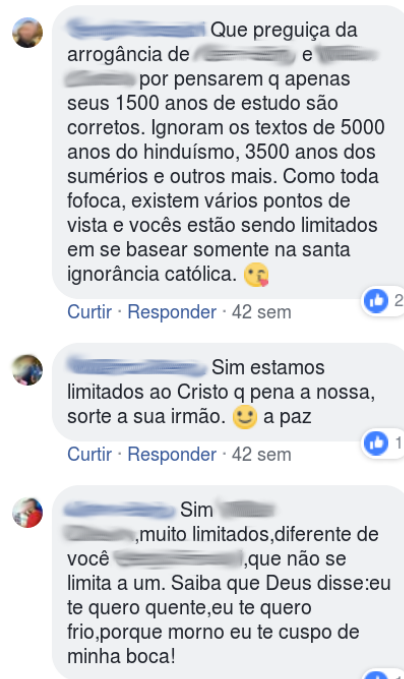


Figura 4

Fonte: <https://www.facebook.com/umsabadoqualqueroficial>. Publicado: 19/09/2017. Acesso: 27/02/2018



Fonte: <https://www.facebook.com/umsabadoqualqueroficial>. Publicado: 19/09/2017. Acesso: 27/02/2018

Na continuidade da interação dialógica, temos a quinta réplica e com ela o tom valorativo em defesa do discurso religioso cristão. O sujeito-internauta coloca que não é possível realizar o questionamento “*Quem criou Deus?*” porque no instante da indagação estaríamos “*nos colocando em pé de igualdade com Deus*”, o que não parece ser viável e correto, já que teríamos que utilizar “*nossos parâmetros existenciais a ele*”, postura que se distancia da prática cristã de obediência e crença inquestionável acerca da divindade e onipotência de Deus.

O sujeito ratifica o seu dizer afirmando que realizar este tipo de questionamento é considerar já respondidas todas as perguntas, inclusive aquelas que “*a ciência por si só não foi capaz de responder*”, o que realça sua valoração acerca do saber científico, como sendo possivelmente incapaz de responder a questões como essas. Como sendo incapaz e insatisfatório. Finalizando seu enunciado, o sujeito-leitor coloca-se numa posição de valorar a sinceridade por parte daqueles que seguem os ensinamentos cristãos e sugere que “*quem crer q n tenha vergonha de responder; ‘Eu não sei.’*”. Assim, nos termos de Bakhtin (2010, p. 87), compreendemos que “O tom emotivo-volitivo envolve o conteúdo inteiro e o relaciona com o existir-evento singular”, isto é, o enunciado apresenta uma correlação imanente com o sujeito que a formula e com a realidade vivenciada por ele, evidenciada pela entonação expressiva.

A sexta réplica configura-se como o típico comentário da rede social *Facebook*<sup>7</sup>, sendo composta por poucas palavras e vários *emoticons*. O participante é o mesmo da terceira réplica e retorna ao turno dialógico com uma entonação expressiva de aprovação ao que foi anteriormente mencionado. Os *emoticons* que simbolizam o gesto de bater palmas colaboram para a construção da expressividade relativa à crença em Deus e nos princípios cristãos. A materialidade linguística – *corretíssimo!! parabéns* – evoca e ratifica o tom emotivo-volitivo no qual a exaltação e defesa do discurso religioso são sua forma de agir na vida, colocando-o como um sujeito ativo-responsivo frente ao enunciado verbal já proferido.

A sétima réplica veicula um tom valorativo que se distancia das duas posições anteriores. O sujeito-leitor utiliza-se da ironia como instrumento de valoração para desestabilizar a postura da defesa cristã realizada anteriormente. O participante chama a atenção para o fato de que os postulados cristãos são relativamente novos e a maioria dos cristãos “*Ignoram os textos de 5000 anos do hinduísmo, de 3500 anos dos sumérios e outros mais*”, que relatam o processo de criação do mundo e a existência de divindade(s). Sua colocação aponta para as possíveis brechas existentes na literatura cristã, sobre o discorrer do processo de criação do mundo, bem como acerca de sua figura mais relevante, o Deus cristão.

Ao colocar-se frente ao enunciado socialmente construído, o sujeito o faz como sendo uma “ação concreta (ou seja, inserida no mundo vivido) intencional (isto é, não involuntária) praticada por alguém situado, não transcendente” (SOBRAL, 2010. p, 20-21). Isto posto, o sujeito-internauta, de seu lugar único e singular, reafirma sua valoração ao definir a religião como uma “*fofoca*”, que tem “*vários pontos de vista*” e finaliza afirmando que os internautas “*estão sendo limitados em se basear somente na santa ignorância católica*”. É possível perceber por meio da escolha do substantivo *ignorância*, acompanhado pelos adjetivos *santa* e *católica*, a entonação expressiva de rejeição aos dogmas da Igreja Católica, embora não haja negação a Deus por parte do sujeito.

Na oitava réplica temos a retomada do turno dialógico pelo sujeito-leitor que produziu a quinta réplica. Seu enunciado aponta para uma entonação expressiva de agressividade e deboche, materializada por meio da expressão “*que pena a nossa, sorte a sua irmão*”, referindo-se ao fato de estarem limitados a Cristo. Transparece nessa materialidade linguística um tom volitivo de recusa e crítica àquelas posturas que são contrárias as adotadas pelo sujeito-leitor, presente na “relação subjetiva emocionalmente valorativa do falante com o

---

<sup>7</sup> O gênero comentário *online* apresenta espontaneidade do leitor, sendo produzido de maneira concisa e objetiva, a partir do uso de gírias, piadas, *emoticons*, exclamações, adjetivos e interpelações (ARAÚJO, 2017, p.113-116).



conteúdo do objeto e do sentido de seu enunciado” (BAKHTIN, 2016, p. 47).

Destacamos nesta réplica a construção do enunciado final – “*a paz*” – saudação prototípica dos cristãos evangélicos ao se encontrarem e ao se despedirem. O uso da expressão marca o lugar sócio-histórico deste sujeito que não é o mesmo de outros sujeitos presentes na interação dialógico-discursiva. Ao finalizar seu enunciado com a expressão “*a paz*”, o sujeito corrobora com a entonação expressiva anteriormente veiculada, por parecer construir em sua fala um tom de ironia para com àqueles que questionam a identidade de Deus ou os princípios cristãos.

Por fim, a nona réplica é produzida pelo mesmo internauta da terceira e sexta réplicas. Seu enunciado é uma resposta aos dois enunciados anteriores. Primeiramente, ocorre a concordância e ratificação do pensamento realizado – “*muito limitados*” – e isto é posto num tom valorativo de positividade, já que os sujeitos em questão figurariam na sociedade limitados pelos ensinamentos cristãos. No segundo momento, a entonação expressiva de repúdio subjaz ao restante do enunciado, quando se lê “*diferente de você* [nome do internauta], *que não se limita a um*”, veiculando a uma espécie de condenação ao fato de o sujeito da sétima réplica ser conhecedor de outras literaturas religiosas.

Colabora, ainda, para o tom valorativo de recusa, ao final do enunciado, a utilização de uma citação bíblica como instrumento de fortalecimento do argumento adotado: “*Saiba que Deus disse: eu te quero quente, eu te quero frio, porque morno eu te cuspo da minha boca!*”. O trecho referido faz parte do livro do Apocalipse 3: 16, no qual a revelação de Jesus Cristo foi dada a João pelos anjos de Deus, e apresenta profecias e revelações sobre o julgamento final e acerca da conduta dos humanos para alcançarem a Nova Jerusalém. O uso desse trecho bíblico, seguido pelo sinal de pontuação exclamação, denota a entonação expressiva de rechaça do participante, ratificando seu tom emotivo-volitivo de afastamento daqueles que questionam, ou são contrários, aos dizeres bíblicos.

Entendemos, portanto, que o comentário *online*, e as réplicas que o sucedem, estabelecem uma ponte entre o que está materializado, por meio do gênero tira em quadrinhos (com sua linguagem verbo-visual) e o evento historicizado ali representado, emitindo valor sobre ele, avaliando-o, já que o “ato responsável envolve o conteúdo do ato, seu processo, e, unindo-os, a valoração/avaliação do agente com respeito a seu próprio ato, vinculada com o pensamento participativo” (SOBRAL, 2010. p. 20-21).

### **Considerações finais**

A leitura por nós empreendida demonstra que o gênero comentário *online* é concebido pelos internautas como espaço que permite a livre tomada de posição, apresentando como uma de suas características principais a liberdade de expressão, revelada na espontaneidade da escrita e na subjetividade do internauta, demarcando a alteridade enunciativa, já que o coloca diante de várias vozes que dialogam sobre um mesmo assunto. Dessa maneira, sua dinâmica reforça o postulado bakhtiniano de que o enunciado é fruto das relações dialógicas com outros enunciados e cada um mantém estreita relação com as suas condições sócio-históricas de produção.

Neste cenário, a análise do comentário produzido pelo sujeito **DP** nos permitiu refletir sobre a mobilização dos sentidos produzidos pelos sujeitos e sobre o uso da linguagem em contexto de interação dialógico-discursiva, permitindo-nos alcançar a compreensão acerca da natureza dialógica e interativa da linguagem. A análise do comentário nos conduziu à apreensão da entonação expressiva que subjaz ao enunciado que se propunha questionar a integridade da identidade de Deus, uma vez que “a relação valorativa do falante com o objeto (seja qual for esse objeto) também determina a escolha dos recursos lexicais, gramaticais e composicionais do enunciado.” (BAKHTIN, 2011, p. 289).

No que tange às réplicas, averiguamos que a valoração faz parte de todos os enunciados, havendo a predominância de certas valorações, por parte de alguns sujeitos, nos dados por nós selecionados para a análise, de modo que percebemos a presença de entonações expressivas que ora se aproximam da ironia e do deboche e ora da aprovação e do reforço no que tange à (des)construção da identidade do Deus (objeto de fé e crença cristã) na relação comparativa estabelecida na tira em quadrinhos. Observamos, ainda, que retomar discursos de outras esferas discursivas e/ou discursos de autoridade são estratégias que denotam tons emotivo-volitivos que retomam discursos anteriores, proferidos em outras cronotopias, o que caracteriza o devir que constitui a linguagem.

Dessa forma, entendemos que as valorações presentes nos comentários acerca da construção identitária de Deus resultam de posturas individuais, singulares, responsáveis e responsivas, haja vista estarem apoiadas nos discursos das fronteiras ideológicas existentes entre as várias esferas da sociedade, permitindo a reflexão sobre a produção dos sentidos e sobre o uso da linguagem no curso da interação dialógica. As atitudes responsivas dos sujeitos internautas retomam discursos anteriores, proferidos por outrem, caracterizando o retorno festivo da palavra. (BAKHTIN, 2011, p. 410).

## Referências

ARAÚJO, P. S. R. de. *Análise dialógica de réplicas no gênero comentário online: a compreensão responsiva ativa sobre o segundo casamento cristão-católico*. João Pessoa, 2017. 161f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba, 2017.

BAKHTIN, M.M. *Estética da criação verbal*. Prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov; introdução e tradução do russo Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

\_\_\_\_\_. *Para uma filosofia do ato responsável*. Tradução Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010.

\_\_\_\_\_. *Os gêneros do discurso*. Tradução, posfácio, notas e glossário de Paulo Bezerra. Notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016.

BAUMAN, Z. *Identidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BÍBLIA. *Apocalipse*. Capítulo 3, versículo de 1 a 22. In: <https://www.bibliaonline.com.br/acf/gn/1> . Acesso: 16/07/2018.

\_\_\_\_\_. *Apocalipse*. Capítulo 21, versículo 6. In: <https://www.bibliaonline.com.br/acf/gn/1> . Acesso: 26/07/2018.

FARACO, C.A. *Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FIORIN, J.L. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

HALL, S. A identidade cultural na pós-modernidade. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MELO, J. M. de. *Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro*. 3. ed. São Paulo: Mantiqueira. 2003.

MENEZES, H. F.; PEREIRA, C. P. de A. Funções da cor na infografia: uma proposta de categorização aplicada à análise de infográficos jornalísticos. *Revista Brasileira de Design da Informação/Brazilian Journal of Information Design*. v. 14. n. 3. ISSN 1808-5377. São Paulo, 2017. p. 321-339.

MILES, J. *Deus: uma biografia*. Tradução José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia da Letras, 1997.

MOURA, M. I. de.; MIOTELLO, V. Deslocando a identidade. Um novo jeito de pensar a respeito de mim mesmo. In: MOURA, M. I. de.; MIOTELLO, V. (Orgs.). *A alteridade como lugar de incompletude*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2014.

PUZZO, M. B. As imagens de Lula na revista Veja sob perspectiva dialógica da linguagem. In.: BRAIT, B. e MAGALHÃES, A. S. (Orgs.). *Dialogismo: teoria e(m) prática*. São Paulo:

Terracota Editora, 2014. (Série ADD). p.171-194.

SOBRAL, A. Ato/atividade e evento. In: BRAIT, B. (org.) *Bakhtin: conceitos-chave*. 4. ed. 3. impressão. São Paulo: Contexto, 2010.

VOLOCHÍNOV. V.N. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. Ensaio introdutório de Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2017.